

## A prática analítica e suas fronteiras com a cultura. Relevância para a formação

Quase tudo que concerne a psicanálise, e ao ser que está em sua mira, diz respeito às fronteiras. Não só o seu conceito-chave, a pulsão, que Freud o define como conceito-limite, entre corpo e psique, entre força e sentido, entre o irrepresentável e a representação, mas também o nosso Eu, situando-se na fronteira das outras instâncias e da realidade do mundo e dos outros. E o que dizer do espaço analítico, do seu enquadre, do sujeito em relação à cultura, etc... sempre estamos lidando com as fronteiras, com *o entre e no entre...* entre, entre e entre.. As fronteiras, como se vê, são moveis e colocam em relevo a exigência de trabalho que um território impõe ao outro, seu vizinho: trabalho do estrangeiro. E o que dizer da cultura? O que não é produto e efeito da cultura no espaço da análise? A fala, as representações, os afetos, as emoções, as fantasias... são todos seres culturais, todos contêm ou são efeitos da cena cultural. Lembro aqui o primeiro aparecimento do termo sublimação em Freud, numa carta a Fliess de maio/1897, em que afirma que nossas fantasias são sublimações das atividades sexuais infantis. Sublimar é ajustar a pulsão ao investimento de objetos culturais. Não só a sublimação, mas qualquer destino pulsional teria, segundo Freud, uma função de defesa, de negatização da meta sexual para criar e investir os habitantes culturais da alma. E, no entanto, esses habitantes – representações, afetos, fantasias, etc. implicados na fala e na troca entre analista e paciente – abrigam aquilo do sexual que lhes confere um valor para a vida, ou seja, a sedução pelos outros e pelas coisas, para continuar vivendo. Cuidar na clínica seria se implicar no manejo do trabalho cultural dos objetos de origens do sujeito, na carência ou no excesso da negatização que impuseram aos destinos pulsionais do sujeito em seus inícios, para que não se destrua nele o poder de fruição junto aos outros e os objetos culturais. É um trabalho de amor, insiste Freud, em que tentamos, pela via regressiva, ajudar o paciente a amenizar o excesso dos efeitos deletérios dessa negatização que desembocaram na cisão, no recalçamento, nas formações reativas, nas resistências, nas defesas etc.

O trabalho da cultura opera segundo um regime ditado pelos ideais. Os ideais, através de suas exigências que operam na fronteira com o sujeito, tendem a negar e a ludibriar o estado de desamparo do ser humano, visando superá-lo, prometendo tudo saber e tudo dominar e assim alcançar a felicidade. Minam, assim, em algum grau, a sedução pela vida, gerando uma alienação progressiva do sujeito. A submissão aos ideais, que propicia os ganhos da dominação científica e dos ganhos do trabalho ditados pela organização social e política, só pode culminar num sentimento de culpa

inconsciente em relação às metas dos ideais que demandam uma negatificação extremada da pulsão. Sublimações deletérias, tributáveis da disjunção pulsional, que, assim, hipertrofiam o afã da dominação e a liberação da destrutividade e os meios de compensá-los pelas práticas de gozo que a civilização oferece ao lado de outros adocimentos da alma. Se a psicanálise serve os pacientes para aliviá-los dos atentados ao amor e às seduções pelos outros e pelos objetos culturais, surge a questão se ela poderia atuar também de outro lado da fronteira, da cultura e de seus agentes? Teríamos algo a fazer nesse terreno? Acredito que sim. Como? O trabalho na comunidade, o serviço de atendimento à comunidade, a psicanálise na rua, a psicanálise ao céu aberto, a escuta em meio à diversidade de atividades nos espaços educacionais populares, os diálogos de psicanalistas em centros culturais em torno da vida privada, de filmes, obras de arte etc. Em todos esses espaços, a psicanálise, em sua escuta e atenção, acaba propiciando aos leigos uma devolução de partes da alma que foi escamoteada pela massiva doutrinação econômica e sociopolítica da vida na civilização. E que deixou muitos dessas crianças e muitos desses adultos à margem da sociedade, discriminando-os. Seria esse cuidado suficiente para proteger a cultura do trabalho de morte que sua civilização nos impõe? Não. É preciso que nosso conhecimento teórico-clínico nos alia às vozes de filósofos, cientistas, escritores, artistas, ativistas políticos, etc., que denunciam as ações e tendências de políticas públicas que nos manipulam e nos sugestionam, nos persuadem, em nome do avanço e da melhoria da prosperidade e da longevidade da vida, em aderir aos ditames econômicos e políticos, prejudicando o sentido de viver e do respeito a vida em sociedade. Precisamos nos posicionar e denunciar a exploração estrondosa dos recursos naturais e da biosfera, cujos efeitos nocivos climáticos e pandêmicos estamos sofrendo atualmente. Não foi o vírus Covid 19 que nos invadiu, mas foi a invasão das reservas naturais pela civilização que o trouxe até nós. Precisamos nos posicionar também em relação à intolerância aos povos indígenas e ao seu modo de viver, assim como outros fenômenos sociais de exclusão, do racismo, entre outros. As pequenas diferenças, dizia Freud, são promotores das maiores violências. São consequência das façanhas do eu, uniformizado ao eu coletivo social, que se defende da sexualidade, de sua plasticidade e diversidade. Há pouco tempo, colegas nossos, Inacio Paim e Wania Cidade, resgataram documentos do racismo no Brasil, em que o governo advertia do contágio e da contaminação pela negritude... o que seriam esses perigos senão os ecos da ameaça pela sexualidade infantil, intolerável à civilização, projetadas nos traços das diferenças? Quando advogo por um posicionar do psicanalista no campo político e cultural, me refiro a sua posição de cuidado e respeito ao

sujeito, ou seja, a partir de seu enquadre interno, da encarnação da psicanálise; não, necessariamente, a um posicionamento de esquerda e direita já que essas ideologias tendem ambas a propor modelos políticos totalitários que são adversos a nossos propósitos.

O que o trabalho na comunidade, na rua, no espaço aberto e junto ao público leigo, assim como o posicionamento no campo político, contribui para a transmissão e a formação analítica? Encontramo-nos no início do entendimento desse campo onde ambos os espaços da clínica do indivíduo e nos espaços públicos se retroalimentam um pelo outro. Estamos também no início de lançar mão da ampla contribuição de Freud e descendentes para o campo da cultura e seu uso tanto a serviço de nosso lugar como clínicos e também como analistas no espaço cultural e político, assim como para o entendimento das relações institucionais, inter-geracionais e inter-regionais de nossas instituições psicanalíticas. Estamos no começo, mas já engajados.

Daniel Delouya, SBPSP